

# Musicoterapia e atendimentos remotos na pandemia do Covid-19: reflexões a partir da revisão de literatura

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA 8: Musicoterapia

*Aynara Dilma Vieira da Silva*  
*Universidade Federal da Paraíba*  
*aynara.clarinet@hotmail.com*

**Resumo.** O presente artigo tem por objetivo realizar uma revisão de literatura integrativa sobre os atendimentos remotos no período da pandemia do Covid-19. Após fazer uma varredura nos trabalhos que de fato tratam de atendimentos musicoterápicos na pandemia nesta modalidade, chegamos a uma quantidade de trabalhos de 11 trabalhos para a nossa discussão. Os critérios para a seleção desses onze trabalhos discutidos, foram: trabalhos que tratavam de atendimentos on-line (teleatendimentos), excluindo assim, atendimentos presenciais em quaisquer ambientes como foco; um outro critério foi de que os trabalhos se restringissem a atendimentos em musicoterapia e não trabalhos que contemplassem o uso da música por outros profissionais; os trabalhos escolhidos são artigos científicos coletados em plataformas consolidadas, fornecendo assim, a reunião de informações mais atualizadas sobre o assunto. Diante dos diversos resultados, assuntos e percepções trazidas pelos trabalhos descritos, observamos que há uma predominância de trabalhos que realizam relatos de experiências, levantamentos de vantagens e desvantagens dos atendimentos remotos em musicoterapia na pandemia que forneceram informações que podem ser importantes para a compreensão de como esses atendimentos podem ser realizados hoje. Conclui-se assim, que o período da pandemia do Covid-19 foi um momento de grande desafio para os musicoterapeutas que impôs a necessidade dessa profissão reinventar seus meios e seus objetivos terapêuticos.

**Palavras-chave.** Musicoterapia, Pandemia, Teleatendimentos, Covid-19

## **Music Therapy and Remote Care During The Covid-19 Pandemic: Reflections From A Literature Review**

**Abstract.** This article aims to conduct an integrative literature review on remote sessions during the Covid-19 pandemic. After thoroughly reviewing the works that specifically address music therapy sessions during the pandemic in this format, we identified 11 relevant studies for our discussion. The criteria for selecting these eleven studies included: works that focused on online sessions (telehealth sessions), thereby excluding in-person sessions in any setting; another criterion was that the studies were restricted to music therapy sessions and did not include the use of music by other professionals; the chosen works are scientific articles collected from established platforms, thus providing the most up-to-date information on the subject. Given the various results, topics, and perceptions brought by the described works, we observed a predominance of studies making experience reports, and surveys of the advantages and disadvantages of remote music therapy sessions during the pandemic, which provided information that can be important to understand how these sessions can be conducted today. The conclusion was that the Covid-19 pandemic period was a significant challenge for music therapists, necessitating the reinvention of their means and therapeutic goals.

**Keywords.** Music Therapy, Pandemic, Telehealth, Covid-19

## Introdução

O presente artigo pretende realizar uma revisão de literatura integrativa sobre a musicoterapia nos tempos de pandemia e quais foram os resultados obtidos pelos profissionais musicoterapeutas ao realizar teleatendimentos em tempos de distanciamento social a partir da literatura no formato artigo que foi produzida no período da pandemia, e quais as avaliações desses atendimentos, bem como seus desdobramentos nos atendimentos no período pós-pandêmico.

A música sempre esteve presente na atenuação dos danos provocados pelos momentos de crise que atingem a vida humana. “Entre a primeira guerra mundial (1914-1918) e a quebra da bolsa de Nova York, em 1929, o *jazz swing*, em meio à agonia alegrou a vida do norte-americano descrente no futuro.” (MOURA, 2018, p. 25)

Mais adiante, Moura observa que quando estava-se

“caminhando para a estabilidade da economia, em 1941 os estados unidos decidiram entrar oficialmente na Segunda Guerra Mundial (1939-1945). Para entreter os soldados, o jazz, naquele momento a música mais popular no país, é incorporado às tropas. Ao menos 39 líderes de bandas combateram nas forças armadas. Artie Shaw, Glenn Miller e Benny Goodman (o rei do swing) estavam presentes.” (2018. p.25).

É nesse contexto no mundo pós 2ª guerra, em meados de 1940 que a musicoterapia fortaleceu-se ainda mais como um meio de tratamento validado no campo da saúde. Segundo Nunes, Anastácio Júnior e Nunes, a musicoterapia enquanto profissão surge período Pós-Segunda Guerra Mundial (2021, p. 44), período de grande crise diplomática, social, econômica e de saúde que afetou o mundo. Momento no qual a música esteve presente como um meio de amenizar as dores e o desespero gerado pela guerra.

“Embora o poder da música seja conhecido há milênios, a ideia de uma musicoterapia propriamente dita afirmou-se no final dos anos 40, sobretudo em resposta ao grande número de soldados que regressavam dos campos de batalha da Segunda Guerra Mundial com ferimentos na cabeça e lesões cerebrais traumáticas ou «fadiga de batalha» (ou 'traumas de guerra', como eram designados na Primeira Guerra Mundial, uma condição que agora designamos por 'perturbação de stress pós-traumático)” (SACKS, apud GOMES; OLIVEIRA, 2014, p. 757).

Os efeitos terapêuticos da música são reconhecidos por pesquisadores de várias áreas do conhecimento, e o uso da música como um recurso para a promoção de saúde e bem estar é algo cada vez mais reconhecido pelos diversos profissionais da saúde e pela sociedade. Música e saúde tem caminhado juntas em vários contextos interdisciplinares da pesquisa e dos atendimentos em saúde.

Em janeiro de 2020 o Brasil começa a despertar para a chegada de uma pandemia que colocaria o mundo abaixo. Nesse cenário pandêmico os artistas do meio cristão evangélico, seguindo a tendência do meio secular seguiram realizando lives que reuniram milhares de pessoas ao vivo em cada apresentação.

No começo do mês de março de 2020, quando se iniciaram os protocolos de segurança tais quais o lockdown, o uso máscaras, o uso de álcool e tantos outros mecanismos de proteção, muitas pessoas questionavam a real necessidade de tantas medidas de proteção individual e coletivas.

O período que marcou a pandemia do Covid-19 no Brasil foi de grande desafio para todos, além da luta pela existência, a saúde mental das pessoas foi afetada de maneira brutal nesse momento. A musicoterapia, hoje um campo já bem consolidado no Brasil e em franco crescimento se colocou na linha de atendimento às pessoas, criando meios para continuar tratamentos e tratar também as novas demandas físicas e mentais resultantes da fase pandêmica.

## **Metodologia**

Pretende-se com esse artigo fazer uma revisão de literatura integrativa sobre a musicoterapia período da pandemia com foco nos atendimentos remotos. Após fazer uma varredura nos trabalhos que de fato tratam de atendimentos musicoterápicos na pandemia nesta modalidade, chegamos a uma quantidade de trabalhos de 11 trabalhos para a nossa discussão. O critério para a seleção desses onze trabalhos discutidos, foram: trabalhos que tratavam de atendimentos on-line (teleatendimentos), excluindo assim, atendimentos presenciais em quaisquer ambientes como foco; um outro critério foi de que os trabalhos se restringissem a atendimentos em musicoterapia e não trabalhos que contemplassem o uso da música por outros profissionais; os trabalhos escolhidos são artigos científicos coletados em plataformas consolidadas, fornecendo assim, a reunião de informações mais atualizadas sobre o assunto. As bases de dados e plataformas onde foram realizadas as buscas foram: Revista Incantare, Revista Brasileira de Musicoterapia, Lilacs, Pubmed, Bvsalude.org. e Google Acadêmico. Os

descritores utilizados para a pesquisa foram: pandemia, covid, covid-19, musicoterapia, atendimentos remotos, teletendimentos, e telehealth.

## **Os atendimentos remotos em musicoterapia na Pandemia do Covid-19: uma revisão integrativa de artigos**

O período pandêmico afetou profundamente os atendimentos em musicoterapia, uma vez que a interação entre paciente e profissional se dá em sua maior parte por meio do som. O gestual, a respiração também são aspectos cuidadosamente observado pelo musicoterapeuta como dados que fornecem ao mesmo indicativos de engajamento, evolução e andamento da sessão com o paciente. E esses aspectos são alguns dos mais afetados pela comunicação remota. Muitas vezes num atendimento on-line não conseguimos ver o paciente por completo, apenas seu rosto e isso tem implicações no desenrolar da sessão em musicoterapia, exigindo do profissional uma flexibilidade e uma capacidade de se reinventar e criar ainda maior nesses contextos, onde a única possibilidade de atendimentos era essa, devido ao risco de contágio. Foi um momento de aprofundamento de fragilidades sociais, onde a saúde mental se tornou uma preocupação ainda maior nos mais diversos contextos.

Os autores Nunes, Anastácios Júnior e Nunes em sua análise integrativa da literatura sobre o uso de TICs nas práticas musicoterápicas afirmam que “as intervenções de musicoterapia na modalidade telessaúde geram benefícios clínicos, sociais e de custo para a população atendida, sobretudo para pessoas que residem em áreas remotas ou que tenham limitação em sua mobilidade”( 2021, p. 44). Vemos a partir desse trabalho a importância de os profissionais da musicoterapia se esforçarem por manter os atendimentos, gerando benefícios diversos e facilitando o acesso num período de intensas restrições de deslocamento e de distanciamento social. Esse foi um trabalho pioneiro e uma revisão necessária para delinear estratégias para o uso das TICs na pandemia, tomando como base os trabalhos que já haviam falado sobre o uso de TICs em atendimentos musicoterápicos anteriores, até mesmo à pandemia, mas que já traziam importantes conclusões a respeito desse tipo de atendimento mediado por tecnologias.

O estudo de França, Jiménez e Leite (2021, p. 80) sobre a atuação dos musicoterapeutas em Portugal durante a Pandemia do Covid-19, com uma amostragem de 43 profissionais chegou à conclusão de que a maioria dos musicoterapeutas utilizou os recursos: Zoom, WhatsApp, chamadas de telefone e e-mail para se conectar aos seus pacientes nesse momento. E a falta de sincronia nas vídeo-chamadas foi um dos desafios e pôde-se observar

como o lugar físico em que a sessão acontece é importante seja para atendimentos individuais ou grupais. A musicoterapia à distância também pode ter seus pontos positivos. O mesmo trabalho menciona um artigo<sup>1</sup> que pontua pontos positivos, onde o teleatendimento na pandemia pôde facilitar a expressão criativa, as funções cognitivas, a participação familiar e de cuidadores, entre outros ganhos.

O trabalho de Santana, Lelis, Tigre e Candido é um relato de experiência sobre o trabalho desenvolvido pelo Coletivo MT, grupo de musicoterapeutas residentes e atuantes da região sul da capital de São Paulo que oferece atendimentos musicoterapêuticos remotos a um grupo de mulheres da região. O grupo, criado em 2015 já atuava junto a esse público desde então, mas na pandemia precisou adaptar seus atendimentos para a forma remota para que os mesmos não fosse descontinuados. O grupo teve como norteador para a retomada nesse formato as Diretrizes Nacionais de Atendimentos Musicoterapêuticos Mediados por Tecnologias da Informação e Comunicação (TICs). Um destaque nesse trabalho é que esse grupo atende a mulheres que moram em uma região periférica. Vemos aí as possibilidades proporcionadas pela musicoterapia e suas parcerias, e seu impacto social na vida de pessoas em situação de vulnerabilidade, sendo assertivos no atendimento a mulheres, um público profundamente afetado pelas sobrecargas que muitas vezes envolvem cuidar de casa, trabalhar para o sustendo da família e cuidar dos afazeres domésticos. Essas populações (minorias, pessoas em situação de vulnerabilidade) foram as mais prejudicadas durante a pandemia. Trabalhos que viabilizem assistência a esse público em situações de crise são de importância primordial. A plataforma utilizada foi o Zoom, e alguns desafios marcaram esse trabalho. Assim como no primeiro trabalho da revisão, foram relatadas dificuldades técnicas que geraram impactos emocionais como ansiedade, tristeza ou raiva nas pacientes por não conseguirem participar da atividade proposta, o que também afetava no sigilo da sessão, uma vez que por vezes alguma pessoa presente precisava intervir para ajudar a paciente a resolver uma questão técnica da chamada de vídeo. O trabalho conclui que foi possível realizar uma gama ampla de atividades receptivas e interativas em grupo, resultando na “melhora significativa no estado psicoemocional das participantes”(SANTANA; LELIS; TIGRE; CANDIDO, 2020, p. 32).

O trabalho de PAZ traz a perspectiva dos atendimentos em musicoterapia no contexto do SUAS. O trabalho relata a atuação da autora no Centro de Defesa e Convivência da Mulher (CDCM) junto a mulheres em situação de vulnerabilidade, violência doméstica e

---

<sup>1</sup> Vaudreuil, R., Langston, D., Magee, W., Betts, D., Kass, S., & Levy, C. (2020). Implementing music therapy through telehealth: considerations for military populations. *Disability and Rehabilitation: Assistive Technology*, 1–10.

familiar. O trabalho se aproxima ao de Santana, Lelis, Tigre e Candido ao trabalhar com o público feminino, e a autora destaca que as usuárias desses atendimentos são prevalentemente negras, o que aponta para mais um fator que aponta para o engajamento social da musicoterapia junto às minorias. O trabalho também traz à tona um importante observação que se soma ao aumento do adoecimento mental, que é uma percepção de crescimento na violência doméstica durante a pandemia. Além dos desafios pontuados nos trabalhos anteriores, a autora relata que houve uma perda na adesão do público idoso, que não se adaptou bem ao formato remoto de atendimentos. Houve também uma preocupação de se criar mecanismos de economia de dados móveis das usuárias, proporcionando atividades assíncronas, com compactação de vídeos, o uso de plataformas online para depósito dos vídeos que seriam acessados, através do Youtube por exemplo, entre outras alternativas. O trabalho também problematiza as condições de trabalho no contexto de políticas públicas, como é o caso do SUAS.

O trabalho de Caramujo, é um relato de experiência a partir de um trabalho desenvolvido entre os estagiários de musicoterapia atendendo estudantes de psicologia de maneira remota durante a pandemia e pós-pandemia. Entre os ganhos relatados pelos pacientes atendidos estão:

“1. diminuição e controle da ansiedade e da depressão; 2. construção e/ ou resgate da identidade; 3. Construção e/ ou resgate da autoestima; 4. Desenvolvimento da assertividade; 5. Fortalecimento do ego; 6. Maior conscientização, e compreensão dos conteúdos, até então, desconhecidos; 7. Querer buscar tornar-se o que de fato é; 8. Conseguir lidar com os conflitos; 9. Melhora no relacionamento interpessoal; 10. Querer buscar sentido na vida, entre outros.” (CARAMUJO, 20202, p. 79)

O trabalho de Sebastián Gentili que retrata o contexto de atendimentos a crianças e adolescentes em sofrimento mental e suas famílias e entorno no Centro de Investigações em Saúde Mental, uma instituição psicanalítica interdisciplinar na Argentina na pandemia do Covid-19. O artigo traz perspectivas interessantes de como a formação de espaços para atendimentos virtuais em grupo foram importantes para a manutenção e criação de laços sociais entre os pacientes, e de como a música se colocou, sob a perspectiva da psicanálise, como uma forma de linguagem, capaz de gerar significados, ações, reações e comportamentos compartilhados entre os pares. Uma das observações que o trabalho faz é que os pais tiveram receios em relação ao uso de telas e tecnologias, justamente porque tentavam no dia-a-dia dar o mínimo de acesso a isso, e por acreditar que as crianças e adolescentes não teriam o mesmo engajamento do que nos encontros presenciais. Ao final foi possível ver que, se por um lado se perde com o uso de tecnologias nos aspectos da latência, proximidade geográfica, por outro

lado o uso desses meios possibilitou a criação de caminhos e atividades onde a música pôde estabelecer enquanto linguagem, um fortalecimento dos laços sociais entre pacientes, familiares, e terapeutas. Sobre as dificuldades apresentadas foram bem semelhantes às anteriormente apresentadas e sobre as oportunidades, pôde-se observar um esforço dos pais em obter melhores aparelhos e condições de internet para que os atendimentos fossem realizados da melhor maneira.

O artigo de Anastacio e Domingos é um relato de experiência de um trabalho desenvolvido com pessoas idosas participantes de um Centro Dia na cidade de São Paulo capital. O escopo de atendimentos envolveu 30 idosos e no núcleo de convivência era de 70 idosos. O período de atendimentos remotos compreendeu desde a parada das atividades presenciais (16 de março de 2020) até o último atendimento remoto ofertado (8 de março de 2022). No total foram em torno de 14 meses de atendimentos semanais de Grupo de Musicoterapia (GMT) e 23 meses de Coro Terapêutico (CT). O trabalho se mostrou frutífero como descrevem os autores:

“... as experiências musicais também ofereceram oportunidades de vivenciar outras coisas, tendo em vista que as preocupações direcionadas à pandemia eram constantes. Por meio da canção, da escuta musical, de jogos, ou vídeos e imagens, foi possível trabalhar o “aqui e agora”, recorrendo às memórias afetivas autobiográficas importantes que ofereciam algo constante, estável e familiar em um momento de incertezas e ansiedades.”  
(ANASTACIO E DOMINGOS, 2021, p. 14)

Um fator observado também neste e em outros trabalhos foi o cuidado de enviar vídeos prévios explicativos e materiais de como baixar os aplicativos, de como se conectar aos encontros para os pacientes e responsáveis antes de iniciar os atendimentos remotos. Para os autores, a presença e participação dos cuidadores não foi um prejuízo para a sessão, mas sim positivo para a qualidade das relações dos participantes. Outros ganhos também foram em relação a os idosos aprenderem novas habilidades para acessar os encontro e a viabilidade de participação trazida aos idosos que não poderiam participar de outra maneira que não fosse remota. Algumas dificuldades, além das já mencionadas em relação às TICs com o público idoso, foi que para os que apresentavam declínio cognitivo as limitações em manter contato visual e a desorientação foram observadas.

Os trabalhos foram realizados predominantemente em grupo, seja por demanda alta ou por escolha dos terapeutas, ou ainda pelos objetivos terapêuticos. Quando trata de um trabalho com um grupo de jovens estudantes atendidos de forma grupal e on-line na pandemia, Teixeira diz:

“O Grupo Musicoterapêutico Online (GMO) mostrou-se capaz de ter aplicabilidade não só de modo a cuidar de jovens que apresentem sofrimento psíquico, mas também na promoção de saúde mental. A conclusão de que o GMo possui este caráter duplo enquanto recurso preventivo e terapêutico, propriamente dito, é que ele possui flexibilidade no modo de condução das sessões e no direcionamento de seus objetivos.” (2022, p. 147)

O artigo de Bompard, S.; Liuzzi, T.; Staccioli S.; D'ariento, F.; Khosravi, S.; Giuliani, R.; Castelli traz a perspectiva do uso de telemedicina em casa durante o período da Covid-19 com 14 crianças com distúrbios do neurodesenvolvimento que tem problemas com sono. O estudo também buscou investigar o stress parental. O programa foi montado para ser aplicado 3 vezes ao dia em 12 dias consecutivos. Dos 14 inscritos, 12 completaram o programa. O método utilizado foi o “Euterpe”<sup>2</sup> adaptado à aplicação pelos pais em casa para ser exibido em uma TV ou Tablet. O áudio criado possui vários sons relaxantes familiares ao paciente como a voz da mãe, canções e ninar e outras que fazem parte do ISO do mesmo. Como resultado da aplicação desse programa houve uma significativa melhora na qualidade do sono das crianças e uma diminuição do stress parental.

O artigo de Clements-Cortés, A., Pranjić, M., Knott, D., Mercadal-Brotons, M., Fuller, A., Kelly, L., Selvarajah, I., & Vaudreuil, R. (2023) é uma abordagem quantitativa e qualitativa das percepções dos profissionais de musicoterapia de diferentes partes do mundo a respeito do trabalho remoto desenvolvido durante o período da pandemia através da resposta a um questionário anônimo via Google Forms. A pesquisa buscava compreender os benefícios e desafios dessa modalidade de atendimentos e qual a possibilidade de manutenção do uso de atendimentos remotos após a pandemia. O trabalho contou com a participação de 572 musicoterapeutas de 29 países que responderam. Quanto aos benefícios e desafios a pesquisa chegou aos seguintes resultados:

‘Os principais benefícios relatados pelos musicoterapeutas foram a redução do tempo de deslocamento (n = 117/21,3%), a continuidade do serviço (n = 82/16,3%), a possibilidade de trabalhar em casa (n = 55/10,9%) e a flexibilidade no atendimento. agendamento (n = 49/9,7%) e exploração de novas tecnologias e desenvolvimento de competências técnicas (n = 17/3%). A capacidade de fornecer treinamento básico e desenvolver relações com os pais/responsáveis também foi mencionada como benéfica (n = 15). Os principais desafios relatados pelos musicoterapeutas incluíram: má qualidade sonora (n = 77/14,9%); problemas de latência resultando na incapacidade de improvisar de forma síncrona (n = 27/5,2%); dificuldade em manter o engajamento dos clientes/consumidores (n = 65/12,6%); fadiga, exaustão e

---

<sup>2</sup> O método “Euterpe” é um tipo de recurso musicoterapêutico que usa a criação de faixas de vídeo/áudio personalizado para cada paciente ao passo que provê uma experiência multissensorial (uso de luzes, imagens, difusores de aroma, diapasão e instrumentos de vibroacústica) enquanto ouve esses sons.

burnout (n = 41/7,9%); falta de acesso a instrumentos musicais (n = 39/7,5%); e falta de resposta ou dificuldade em identificar pistas não-verbais (n = 19/3,6%).” (Clements-Cortés et al, 2023)

Segundo o trabalho, as atividades remotas em musicoterapia tem se demonstrado uma possibilidade que extrapolou o período da pandemia e que se consolidaria como uma alternativa de atendimentos que tem benefícios a oferecer em especial para pacientes e grupos com dificuldades de estar presente em sessões presenciais pelas mais diversas razões.

O artigo de Brandalise faz um relato de experiência de atendimento assíncrono durante a pandemia do Covid-19, onde foram preparados vídeos previamente, postados em plataforma e enviados para as famílias dos pacientes com TEA realizarem juntos. A construção desse trabalho se deu em 5 etapas: Gravação do vídeo, edição do vídeo, envio do vídeo à família, aplicação do vídeo pela família, o retorno (a resposta) após analisar esse ciclo e seu resultado, era produzido o próximo vídeo baseado nos objetivos terapêuticos traçados. O trabalho também traz em sua segunda parte uma revisão de literatura sobre o assunto validando sua aplicação e resultados, evidenciado que os ganhos observados nesse caso, tais quais a manutenção do vínculo paciente-terapeuta e da rotina terapêutica, o engajamento familiar no processo de cuidado (ao preparar o ambiente e a participação mais ativa na sessão), foram também observados em outros estudos sobre a aplicação de musicoterapia à distância, e muitos outros ganhos puderam ser observados, chegando à conclusão de que “há demanda e a abordagem de telehealth atende satisfatoriamente às necessidades do processo musicoterapêutico” (2019, p.14)

O artigo de Broqua (2021) é um relato de experiência do atendimento de 28 pacientes crianças e adolescentes com neuropatologias e diversas deficiências. O período de realização do estudo compreendeu intervenções entre 27 de março de 2020 e 25 de fevereiro de 2021 numa clínica na Argentina. Logo durante a implementação das intervenções em teleatendimento, as famílias manifestaram mudanças em seus ritmos de vida no dia a dia que afetariam a modalidade, tempo e duração dos atendimentos. Uma das primeiras intervenções foi a de que os encontros síncronos deixaram de ser prioritários e assim, se deu a prioridade de que os atendimentos fossem mantidos, nem que fosse de maneira assíncrona. Assim, até mesmo os objetivos terapêuticos precisaram se adaptar a essa nova realidade. Durante os atendimentos e adaptações se percebeu que os pais também necessitavam de atendimento. Muitos relataram dificuldades com a rotina e sono dos filhos durante a pandemia. Assim, foram realizadas intervenções musicoterapêuticas também com os pais. O trabalho chegou a algumas

percepções: a de que diferentemente de sessões presenciais onde o terapeuta já observa e intervém naquele momento, em sessões assíncronas, muitas vezes o parente, acompanhante que realiza a sessão junto ao paciente, muitas vezes não tem o mesmo tempo de espera e a capacidade de observação dos detalhes que o musicoterapeuta, que só poderia trazer suas intervenções e contribuições após finalizada a sessão; já no aspecto da interação, a nova realidade de sessões online contribuíram para uma maior participação da família no processo terapêutico possibilitando trocas e interações com paciente e também com o terapeuta. O estudo finaliza iniciando a transição para um retorno a atendimentos presenciais (de forma alternada e com diversos protocolos de segurança), onde novamente se observou uma nova necessidade de olhar para as novas demandas em relação ao tempo, rotina de vida e estratégias de atendimentos.

Ao correlacionar os diversos resultados, assuntos e percepções trazidas pelos trabalhos descritos, observamos que há uma predominância de trabalhos que realizam relatos de experiências, levantamentos de vantagens e desvantagens dos atendimentos remotos em musicoterapia, tomando como base o período da pandemia do Covid-19 podemos extrair importantes informações. Seguem 10 observações extraídas dessa revisão:

1. É necessário que o musicoterapeuta avalie se a abordagem remota é a melhor opção para os pacientes de acordo com suas realidades particulares e contextos. No caso da pandemia, por um tempo, essa era a única modalidade possível de ser realizada, oferecendo viabilidade de continuidade dos atendimentos.
2. Os atendimentos remotos oferecem vantagens e desvantagens que devem ser avaliadas pelo profissional antes, durante e após os atendimentos para verificar a viabilidade e sentido de sua manutenção, ante os objetivos terapêuticos traçados.
3. Teleatendimentos vão requerer um preparo dos profissionais no manejo das plataformas, exigindo que se busque as melhores condições para pacientes, famílias e terapeuta para a realização das mesmas
4. A orientação e parceria com as famílias e o entorno dos pacientes é fundamental para a manutenção e fortalecimento do vínculo, bem como para o bom resultado das sessões nessa modalidade. Muitas vezes o paciente precisa de suporte total para se conectar às sessões.
5. É necessária uma flexibilidade por parte de todos envolvidos no processo terapêutico ante as dificuldades impostas pelos atendimentos remotos, sejam síncronos ou assíncronos.

6. Os teleatendimentos podem ser alternativas para atendimentos de pacientes e grupos que fazem parte de populações vulnerabilizadas e em risco, bem como para pacientes com dificuldades de locomoção.
7. Tanto atendimentos individuais como grupais, demonstraram resultados positivos, alcançando diversos objetivos, permitindo novas maneiras de olhar para as abordagens da musicoterapia, possibilitando diferentes e variados espaços de trocas entre os sujeitos envolvidos em sessão.
8. Apesar da preocupação de muitos profissionais quanto à atenção sustentada, interação e evasão das sessões, os atendimentos remotos demonstraram ser bem eficazes com públicos variados.
9. Como alguns trabalhos concluíram, o crescimento dos atendimentos remotos parecem ter fornecido uma nova realidade para a musicoterapia, onde a modalidade remota veio para consolidar-se como uma maneira eficaz para a realização de atendimentos em musicoterapia, fazendo parte do pacote de serviços oferecidos por profissionais e instituições em diferentes partes ao redor do mundo, mesmo após o fim da pandemia.
10. Os teleatendimentos demandaram dos musicoterapeutas estudos aprofundados, e a elaboração de protocolos de atendimento que estão comprometidos com a vida, com a manutenção da melhor situação possível para que tratamentos não fossem descontinuados.

## **Conclusão**

Conclui-se assim, que o período da pandemia do Covid-19 foi um momento de grande desafio para os musicoterapeutas que impôs a necessidade dessa profissão reinventar seus meios e seus objetivos terapêuticos em face à realidade posta, onde os atendimentos remotos se demonstraram uma alternativa que foi utilizada em diversas partes do globo para a manutenção dos atendimentos em musicoterapia. Esse período trouxe grandes ganhos para pacientes, famílias e um crescimento e manejo de tecnologias por parte de todos os envolvidos, o que levou os processos terapêuticos a lugares desconhecidos, porém que se revelaram essenciais para a superação desse momento de crise para a humanidade.

## **Referências**

ANASTACIO, Mauro; DOMINGOS, Ana Carolina Rodrigues de Camargo. *Atendimentos Remotos De Musicoterapia Para Um Grupo De Idosos Durante A Pandemia Da Covid-19: Relato De Experiência*. Em Revista Incantare. vol. 15 no. 2. (7-20p). Curitiba: 2021. ISSN: 2317-417X /

BOMPARD S, LIUZZI T, STACCIOLI S, D'ARIENZO F, KHOSRAVI S, GIULIANI R, CASTELLI E. *Home-based music therapy for children with developmental disorders during the COVID-19 pandemic*. J Telemed Telecare. 2023 Apr;29(3):211-216. doi: 10.1177/1357633X20981213. Epub 2021 Jan 7. PMID: 33412993; PMCID: PMC10015277.

BRANDALISE, André. *A musicoterapia, o telehealth, a pessoa com TEA e seus familiares: relato de experiência e revisão sistemática da literatura*. Revista Brasileira de Musicoterapia -Ano XXI n° 27ANO 2019 (p. 8-23)

BROQUA, Graciela. *RITMOS DIÁRIOS ANTES E DURANTE A QUARENTENA*. Brazilian Journal of Music Therapy, [S. l.], v. 2, n. 29, p. 70–85, 2021. DOI: 10.51914/brjmt.29.2020.29. Disponível em: <https://musicoterapia.revistademusicoterapia.mus.br/index.php/rbmt/article/view/29>. Acesso em: 6 maio 2024.

CARAMUJO, Ana Maria. *Atendimento Musicopsicoterapêutico Online Na pandemia da COVID-19 - Relato de Experiência*. v. 10 n. 4 (2022): Escola de Ciências da Saúde e Bem-Estar CISBEM/FMU: atualidades na área de Saúde. ACiS: São Paulo, 2022, p. 75-80

CLEMENTS-CORTÉS; A., PRANJIC, M.; KNOTT, D.; MERCADAL-BROTOS, M.; FULLER, A.; KELLY, L.; SELVARAJAH, I.; VAUDREUIL, R. (2023). *International Music Therapists' Perceptions and Experiences in Telehealth Music Therapy Provision*. International journal of environmental research and public health, 20(8), 5580. <https://doi.org/10.3390/ijerph20085580> Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC10139124/> Acesso em: 5 maio. 2024

COSTA, Clarice Moura. *A Constituição Do Sujeito, a Música, a Musicoterapia*. Anais do X Fórum Paranaense de Musicoterapia e I Encontro Sul Brasileiro de Musicoterapia. Paraná: 2008, p. 37-47)

FRANÇA, Sérgia; JIMENÈZ, Susana Gutierrez; LEITE, Teresa Paula. *La práctica de musicoterapia en Portugal durante el primer período de confinamiento por la pandemia COVID-19*. Revista De Investigación En Musicoterapia, 5, 80–98. <https://doi.org/10.15366/rim2021.5.005> (Original work published 2 de diciembre de 2021)

GENTILI, Sebastián Andrés. *Invenção del encuadre virtual de musicoterapia grupal en posicionamientos fuera de discurso en el contexto de pandemia en el marco institucional*. Em XIII Congreso Internacional de Investigación y Práctica Profesional en Psicología XXVIII Jornadas de Investigación XVII Encuentro de Investigadores en Psicología del MERCOSUR III Encuentro de Investigación de Terapia Ocupacional III Encuentro de Musicoterapia. Facultad de Psicología, Universidad de Buenos Aires, Buenos Aires. 2021, 149-165p. Disponível em: <https://www.aacademica.org/sebastian.gentili/5> Acesso em: 4 maio 2024

MOURA, Adailton. *A Indústria da Música Gospel*. São Paulo: Scortecci, 2018, 106 p.

NUNES, Jéssyca Cristina Gomes, ANASTÁCIO JÚNIOR, Mauro Pereira, e NUNES, Monara Kedma Gomes. "INTERVENÇÕES MUSICOTERAPÊUTICAS NO CONTEXTO DAS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO – TICS: Uma Revisão Sistemática." *Revista InCantare* 12.1 (2021): Revista InCantare, 2021, Vol.12 (1). Web.

OLIVEIRA, Clara Costa; GOMES, Ana. *Breve História Da Musicoterapia, Suas Conceptualizações E Práticas*. ATAS DO XII CONGRESSO DA SPCE, 2014, p. 754-764.  
PAZ, Kezia. "Como é que faz pra sair da ilha?" Pontes e atravessamentos entre a pandemia, o SUAS e a musicoterapia em *Revista Brasileira de Musicoterapia* - Ano XXII n° 28 ANO 2020 (p. 53 -70)

SANTANA, Daniel; LELIS, Verônica; TIGRE, Waleska; CANDIDO, Estela.  
*Teleatendimento de musicoterapia a um grupo de mulheres em distanciamento social* em *Revista Brasileira de Musicoterapia* – volume 2, n° 29 ANO 2020. (p.20-35)  
DOI:<https://doi.org/10.51914/brjmt.29.2020.83>

TEIXEIRA, Rodrigo Andrade. *A musicoterapia online em grupo e a saúde mental de jovens universitários no contexto pandêmico*. Tese de Doutorado. Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo, 2022, 173p.